



O direito no mecanismo das sociedades modernas

Discurso proferido pelo Bacharel Dino Bueno, ao ser-lhe conferido o grau de Doutor, no dia 9 de novembro de 1876, na Faculdade de Direito de São Paulo:

A solennidade que, hoje, aqui nos reúne, para vós uma dessas vicissitudes academicas tantas vezes repetidas, designa, no pequeno curso da minha vida, a data mais memoravel, a mais majestosa da minha vida de moço!

Tambem ella me povôa o peito da commoção mais viva e mais justa, fazendo atropelarem-se em minha alma os sentimentos mais diversos!

Agradeço-vos summamente a honra de que me julgastes digno.

Na hora, porém, em que vou receber a distincção mais subida que a Academia confere, si sinto, dentro em mim, a pulsação desse prazer intimo que inspira o cumprimento consciencioso do dever, a satisfacção que conquista a reali-

zação dos esforços do meu espirito, não acrediteis que seja essa a corrente electrica que, só, me transmita a mais justa das commoções; não julgueis que me fascinem as grandezas deste dia: mais do que isso, commovem-me sobremodo, e agitam-me, as incertezas do futuro.

Si me vejo nesta reunião, chegado a salvamento após difficil e tempestuosa viagem na minha carreira academica, si venho hoje receber o premio dos esforços na lucta de tanto tempo travada, que vossa mão com tamanha benevolencia me vai conferir, tambem venho ver deante de mim um novo prelio que se inicia.

O dia de hoje se me indica o ponto de chegada do percurso feito, indica-me tambem o ponto de partida do percurso por fazer, no qual devo consumir toda a minha dedicação, todos os meus esforços, a minha vida inteira!

Não é, senhores, como ao viajor alquebrado pelas fadigas da jornada, o ponto de repouso que vejo me ser indicado: — começo de nova lide, é antes o brado energico da consciencia e do dever que sôa aos meus ouvidos — prosigui!

E' infinda a romaria da sciencia; e, ao lado da infinidad da sciencia, são sem termos as luctas da intelligencia, sem limites as conquistas do espirito.

Descança o nauta, quando depois de incessante balouçar sobre o abysmo das ondas enraivecidas — por abrigo o fragil batel — entre a immensidade do mar e a do céo, entre um grande tumulto e uma grande esperanza — chega a salvamento ao porto ardentemente almejado.

Descança o viajante, e inebria-se no prazer da chegada, quando após invios caminhos, mattagaes extensos, toca ao termo da sua viagem.

Descança o operario, quando consegue o fim de seus esforços; descança o homem que trabalha, quando lhe deleita as vistas o almejado fructo, a desejada recompensa.

Mas, senhores, não póde repousar aquelle que tem por fim a sciencia, e por cruzada o espancamento das trévas da ignorancia, que rodeiam o mundo; não póde inebriar-se na

alegria de um passo feito, pois são infindos os que restam por fazer: o trabalho é seu repouso; o repouso — esforço da vida inteira!

Todo o tempo se passa nesse esforço glorioso, todas as vigílias se consómem nesse labutar sublime!

E quantas vezes, em meio caminho, lhe não fallece a coragem, e quantas outras lhe não assalta o desanimo num revés inesperado?!

Mas quando o anima a consciencia de suas forças, a superioridade de sua especie, a fé em sua missão divina, então comprehende o homem que é forte em seu espirito, e em seu pensamento, e que por meio delles é destinado a dominar o resto do mundo, observando-lhe a natureza, estudando, os principios que o governam, penetrando as leis que o guiam.

E' então que elle sente dentro em si as chamas ardentes da mais viva animação, ouve o chamado da natureza, ao qual se casa o da consciencia, e prosegue convicto. Mas quantas difficuldades a vencer; quanta duvida nos seus passos; quanta vacillação no seu trabalho!

E quando, após lucubrações ingentes, suppõe-se em terra firme, e com ousada mão pretende desfraldar aos ventos a bandeira da victoria — cruel decepção! a bandeira se despedaça, e a victoria se esmaece, como o fumo no espaço, dizendo-lhe a verdade — eu não sou possuida, bradando-lhe a sciencia — ainda não fui entendida, — ao que tem elle de responder — sim, foi pequeno o esforço!

E recomeça-se a lucta, e repetem-se as vigílias, e redobra-se o esforço.

E' assim senhores, espinhosa a penetração dos mysterios da sciencia; são assim os hieroglyphos da verdade!

E entretanto, o nosso fim é penetrar aquelles mysterios, é decifrar aquelles hieroglyphos.

O direito é o brado mais energico da consciencia de todos os homens; é a vida de todos os tempos, o movimento de todos os povos.

A historia nol-o indica em caracteres seculares.

E como não ser assim, quando elle é a verdadeira ordem do mundo moral?

No mundo physico, cada corpo tem sua natureza, da qual decorre a lei de sua vida; cada corpo tem seu destino de que depende a ordem universal.

Dahi a condicionalidade dos corpos, a razão de affinidade que os prende, a harmonia e o laço que os estreita em torno do mesmo centro; dahi as leis que os governam, os principios que os regem fatalmente no grande plano universal da Providencia.

E é desse modo que um milhão de mundos, suspensos ao espaço, gira sobre as nossas cabeças, sem que nada perturbe a regularidade de sua marcha.

Dahi a ordem maravilhosa, que todos contemplamos e apreciamos no mundo physico, presidindo-o e governando-o nas evoluções de tantos seculos!

Se existe essa ordem no mundo physico, si ella lhe decorre da sua natureza mesma, como suppor-se o chaos na natureza da ordem moral, como acreditar-se incompleta a obra da perfeição divina?

Fôra temeridade para com a mão Creadora; não se pôde conceber a desordem no mundo da liberdade.

Tem o homem sua natureza, não pôde deixar de ter sua lei.

Tem seu fim particular, que é tambem condição do fim das sociedades, do fim universal. Existe, pois, a regra que deve guiar seus passos, que deve subordinar seus actos, regra unica, eterna, universal, absoluta.

Uma porque é uma a natureza humana, como esta, eterna, universal, absoluta, porque não são os tempos, os logares e as fronteiras, como não são a cor e a conformação mais ou menos completa, que privem da sua natureza, da sua dignidade, da majestade dos seus direitos.

Existe a liberdade individual, não pôde deixar de existir o respeito que lhe é devido, a condicionalidade de todos os homens, o meio de effectivar aquelle e realizar esta.

Entretanto, como é arriscado o desenvolvimento dessa regra! Que duvidas no espirito do indagador!

Si na ordem da natureza physica, o pensamento humano tem para exercitar-se alguma cousa que lhe é extranha, que pôde ser observada e estudada, na ordem moral, o espirito volta sobre si mesmo o seu olhar perscrutador, na identidade de sujeito e objecto, estuda-se a si mesmo na philosophia especulativa, estuda as suas acções na philosophia social.

Naquella lhe vem de encontro — a abstracção, nesta — o scepticismo.

Como evitar esses escolhos, como proseguir com de-nodo?

E' então, senhores, a consciencia que o homem tem dos seus direitos é a consciencia universal o escudo em que se abriga, a voz que o faz proseguir, arredando a abstracção, e desprezando as apóstrophes do scepticismo.

E desse modo fortifica-se a consciencia dos individuos, e dess'arte se consolida a consciencia universal — vivem os individuos e caminham os povos!

E' augusta a missão daquelle que se vota á sciencia do direito; é santo o seu ministerio.

Não são os textos que produzem o direito; é, antes deste que devem nascer aquelles.

Sem duvida, é alta a importancia dos textos, como é alta a expressão, a linguagem do direito.

Mas os textos, traducções mais ou menos perfectas da concepção do direito, no perpassar dos tempos, morrem nas collecções que lhes servem de sepultura; a sciencia só, que é a propria verdade, fica com suas obras immortaes, luz que se atêa no firmamento das sociedades, facho salvador que arreda os povos dos abysmos que se escancaram para os devorar!

Vêde, senhores, o monumento cyclopico que nos legou o grande povo da antiguidade, a grande patria do direito.

Foram os Romanos que nos transmittiram o mais abundante thesouro da sabedoria, nessa vasta compilação, que, atravessando os seculos, fascina ainda os espiritos de hoje.

A simplicidade da linguagem, a precisão da phrase ao lado da concisão do pensamento, a elegancia da expressão unida á toda autoridade da lei. constituem as suas menores bellezas.

Foi esse monumento que, resistindo ás revoluções dos tempos, não sossobrou na inundaçãõ da luz christã, fez face á invasão da barbaria, governou aos vencedores, aos quaes se impoz toda a vehemencia atravessou a época de dissoluçãõ que marca o feudalismo, e destinado a unir e congregar as divisões da sociedade e a solidificar essa união, apparece ainda hoje como a grande lei dos povos civilizados, como o monumento venerando, a sabedoria dos seculos!

Mas quanta prescripção de idéas! Quantos textos, apenas recordações de historia! Quanta mutilação para governar os povos de hoje!

E' que acima do texto ha uma lei que se impõe, porque é a propria razão das cousas, regra que falla á consciencia de todos, atravessa as edades sempre uma e a mesma, superior aos povos e aos soberanos!

E' a voz imperiosa e severa, que, mandando esquecer as seducções do mundo, desprezar as vozes das paixões, ensina-nos a trilha do dever, e ordena que nella permaneçamos a despeito da aspereza de sua superficie, e dos cruciantes espinhos das suas flores!

Eis o direito no mecanismo das sociedades modernas.

Acima da missão do legislador, existe a missão do philosopho: este substituirá aquelle.

São todos que enterram as suas dedicações no solo fecundo da sciencia, do direito, sois vós, senhores, os verdadeiros legisladores do mundo.

Não sois os legisladores de um povo, porque estudaes e pronunciaes o direito, e este si não contém, como os Estados, na linha de um rio, ou no cimo das montanhas, mais sois os legisladores de todos os povos!

E' o vosso gabinete de estudo o laboratorio das grandes idéas; são essas idéas que mais tarde se tornarão as leis da civilização, o governo dos povos vindouros.

Para quem legislou Jeremias Bentham, o grande philosopho do seculo XVIII? Foi seu fim estabelecer um systema geral de legislação, e de facto, senhores, elle tem dado nas suas obras immorredouras conselhos e pareceres a todos os governos, e inspirado a legisladores de mais de um povo.

E devo aqui pronunciar com todas as forças de minha convicção, com toda a sinceridade de minha alma, a fé robusta que nutro no poder da sciencia e do homem.

E' o desenvolvimento dos principios do direito, dos preceitos da moral social na consciencia das sociedades que, só, póde assegurar o seu futuro, a sua prosperidade, as verdadeiras conquistas, as que atravessam os tempos sempre cheias de vida e de força.

Muito longe vai o espirito antigo de conquista, meio ephemero de engrandecimento, que, nascendo da força material, morria pela mesma força do primeiro aventureiro que apparecia. As verdadeiras conquistas são as do espirito.

E' a consciencia dos individuos a verdadeira e mais forte egide do direito nas sociedades: é ella que defende o verdadeiro progresso, o que nasce das lides pacificas da fraternidade universal, que assegura o respeito da dignidade humana, paralyza as tentativas do egoismo, dissipa as ameaças de uma barbaria retrograda.

E' ella que subtrahindo a sorte das sociedades á influencia do acaso, da fortuna das armas, e do capricho de um pequeno numero de individuos, pode garantir a independencia dos povos, proteger os progressos e os desenvolvimentos da civilização, e assegurar de modo estavel a enthronização do direito, prescrevendo a violencia, a força, o arbitrio, a tyrannia.

A' sciencia compete esclarecel-a com suas luzes, illuminal-a, dirigil-a e disciplinal-a.

A sciencia, só, demonstrando racionalmente os direitos e as relações dos individuos e das sociedades, convertendo as idéas em dogmas inexpugnaveis para a razão, em fortes e invenciveis convicções para todas as consciencias; a sciencia só, attingindo seu mais alto grau de poder e fortificando as consciencias, poderá estabelecer solidamente o equilibrio permanente e estavel das forças humanas, condição de verdadeiro progresso para os individuos e para os povos.

E o homem que a estuda, e o espirito que a indaga é o grande revolucionario de todas as edades, o autor de todos esses resultados, a causa de todos esses effeitos.

Entretanto o homem ainda duvida do seu poder!

Estranha phantasia! Duvida da propria força, quando ella brilha em seu maior esplendor! Condemnar nas épocas de transição aquillo que é producto de seus mesmos esforços!

Elle agita as sociedades em surdas commoções, abala os seus fundamentos, mina os seus alicerces, solapa instituições, outr'ora venerandas de seus avós, derrue os monumentos, que denotam a grandeza de um passado que se escondeu nas brumas do tempo!

E quando as sociedades vacillam, a se esboroar, elle estremece com o fracasso que fazem ouvir; e quando essas instituições, outrora venerandas, se degradam, elle atemoriza-se no vacuo da incerteza; e quando esses monumentos baqueiam, elle se apavora deante da poeira que levantam!

Mas esse fracasso que se faz ouvir, as ruinas que succedem aos monumentos, esse descredito das instituições são, senhores, quanto a mim, o attestado mais eloquente do genio do homem, a mais radiante proclamação do poder humano.

São as verdadeiras revoluções sociaes: baseadas na consciencia das sociedades, tocam de perto os seus mais fundos alicerces.

Mas porque essa duvida? Porque o temor, a incerteza, o desespero?

E' o homem que modela as sociedades pelas descobertas que opera no mundo da sciencia; é elle mesmo que as faz vacillar deante de crenças novas que apparecem e que constituem a sua inspiração, o seu ardor e o seu enthusiasmo!

E' o homem que crêa as instituições, é elle mesmo que lhes cava a sepultura, acompanhando as sociedades na marcha da civilização.

E' o homem que erige os monumentos, é elle mesmo que os faz desabar, na marcha para o futuro.

A sciencia não se exgotta, e a verdade é sempre a grande luz da humanidade.

Outras fórmulas succederão ás primeiras; as sociedades se erguerão sobre novas bases; instituições novas serão fundadas; outros monumentos se levantarão, cimentados nas crenças novas que apparecerão.

E então surge sempre para os homens e para os povos uma nova época.

Os dourados raios da aurora que desponta illuminam com o clarão de seus fogos matinaes aquelles restos dos esforços dos antepassados, aquellas ruinas que recordam as idéas de outras éras.

Ha sempre um genio salvador: seu nome é — espirito humano; seu poder é filho de nossos proprios esforços.

E' elle que, penetrando no labyrintho da sciencia, a força de paciencia na investigação, de constancia nas lucubrações, coragem e atilamento nas indagações, qual Colombo, navegando no mar da sciencia, encontra sempre um novo mundo na ordem das idéas.

Eis ahi os grandes salvadores das sociedades: — a sciencia, mina inexaurivel de verdade; — o espirito do homem, mineiro que não deve ter descanço; — a sciencia e o homem; a verdade e a intelligencia.

Si a sciencia fosse infecunda, si improductivo o espirito do homem, fôra necessario, por sua obra, condemnar o proprio Deus.

Ahi está, senhores, como entendo a missão da sciencia; ahi está como entendo o dever daquelle que se volta ao seu estudo.

E' por isso que mais me agitam neste dia as interrogações do futuro; é por isso que tremo deante da responsabilidade, que, de envolta com o grau que vou receber, vem pesar sobre mim.

E' que eu receio que ella vacille na fraqueza dos meus hombros.

Para tamanho estudo offereço-vos a maior dedicação; para tão grande responsabilidade prometto-vos tão grande esforço.

*
* *
*

Na fôrma da lei peço á Congregação da Faculdade que me confira o grau de Doutor em Direito”.